

LACERDA, Rodrigo. **O Fazedor de Velhos**. São Paulo: Cosacnaify, 2008.

### **Premiação para livros que envelhecem**

O recém divulgado prêmio Jabuti 2009 elegeu **O fazedor de Velhos** de Rodrigo Lacerda como a melhor obra juvenil do ano. O autor recebeu ainda o prêmio de melhor tradução de obra literária Francês-Português com o livro **O conde de Monte Cristo**, traduzido em parceria com André Telles para a Jorge Zahar Editora. **O fazedor de velhos** já havia sido laureado como melhor Livro Juvenil da Biblioteca Nacional e incluído no catálogo White Ravens 2009.

Nascido no Rio de Janeiro em 1969, Rodrigo Lacerda vem de uma família de editores. Graduado em História pela Universidade de São Paulo e com doutorado em literatura pela mesma instituição, trabalhou como editor de grandes instituições e atualmente vem se destacando como autor no cenário literário nacional.

Rodrigo Lacerda escreveu os livros **O Mistério do Leão Rampante** (novela, 1995, prêmio Jabuti e prêmio Certas Palavras de Melhor Romance), **A Dinâmica das Larvas** (novela, 1996), **Fábulas Para o Século XXI** (livro infantil, 1998), **Tripé** (contos, 1999), **Vista do Rio** (romance, 2004, finalista dos prêmios Zaffari & Bordon, Portugal Telecom e Jabuti). Esse ano o autor lançou **Outra vida** pela editora Alfaguara.

A primeira surpresa em relação ao livro **O Fazedor de Velhos** é a impressão causada pelo projeto gráfico arrojado. Desenvolvido por Luciana Facchini, de certa maneira o aspecto do livro rompe com o esperado para uma obra dedicada aos jovens. Apesar do vibrante laranja do título e da contracapa, não há representações de personagens ou cenas da história. As ilustrações assinadas pela artista plástica Adrienne Gallinari são compostas por figuras geométricas que perguntam e sugerem muito mais do que revelam.

O título intrigante também se afasta um pouco da idéia tradicional de livros juvenis, propondo, talvez, a idéia de que se dirige a um jovem mais maduro, um quase adulto, alguém como Pedro, o narrador. Não encontramos neste livro o narrador adolescente, característico das narrativas do gênero, e nem o momento retratado pelo livro é apenas este. Apesar de puxar pela memória alguns fatos da infância e da primeira fase da adolescência, o foco de Pedro recai sobre o período final do ensino médio e o começo da vida universitária.

A narrativa começa pela infância, com as torturantes sessões de literatura impostas pela mãe, professora universitária. Nesse capítulo inicial a personagem apresenta a família e, principalmente, trata de explicar o gosto desenvolvido pelos clássicos da literatura como José de

Alencar e Eça de Queirós. Repleto de citações e explicações sobre esses autores, o capítulo serve também como introdução à personalidade e ao pensamento de Pedro.

No primeiro capítulo, denominado *Tudo começa sem a gente perceber*, já podemos observar a linguagem descontraída e coloquial do texto. O narrador usa muitas marcas de oralidade, como o “a gente” do título do capítulo, propondo um diálogo ágil e bem humorado com o leitor: “Eu não lembro direito quando meu pai e minha mãe começaram a me enfiar livros garganta abaixo. Mas foi cedo.” (LACERDA, p. 7)

O humor bem dosado do texto ajuda a manter o diálogo com o leitor e, principalmente, tira dos textos clássicos a seriedade habitual. Nos trechos seguintes, o narrador explica suas passagens favoritas de *I-Juca Pirama*:

Ela disse que os índios roubavam a força e a coragem dos inimigos de uma maneira muito concreta: comendo-os.

Não crus, assados. Mas mesmo assim... (LACERDA, p. 8)

.....

Mas tudo ainda piora. Os timbiras se recusam a aceitar o I-Juca Pirama de volta, e o pai, ao entender por quê, isto é, ao saber que o filho havia chorado diante do inimigo, desiste de salvar a sua honra. Ter apelado para a generosidade dos timbiras já era ruim, ter usado a sua doença como desculpa era péssimo. Mas ter chorado, aí não: merecia o pior castigo de todos, a maldição paterna. (LACERDA, p.9)

Nos capítulos seguintes, Pedro narra momentos importantes de sua vida adolescente: uma aventura de férias aos dezesseis anos, o primeiro amor (no caso de Pedro, a primeira decepção) e a festa de formatura. Em todos estes momentos aparece a figura do “fazedor de velhos”, um antigo professor do colégio que antes da entrega dos diplomas faz um discurso inesperado e chocante sobre a passagem do tempo:

- Vocês vão descobrir, na carne, que sentir, nessa vida, é sentir o tempo indo embora. (LACERDA, p. 37)

.....

- Se eu pudesse dar um conselho a vocês, eu diria: não queiram nunca ser eternamente jovens; gostar de viver é gostar de sentir, e gostar de sentir é, necessariamente, gostar de envelhecer. (LACERDA, p. 37)

Interessante observar como o discurso do velho professor destoa da supervalorização atual da juventude. Em uma sociedade, como a atual, em que se despreza a velhice e se busca ser/parecer jovem para sempre, o livro propõe uma reflexão sobre a passagem do tempo como algo bom, que agrega valor e experiência: “Falem com o tempo. Conversem com ele. Fiquem íntimos dele. O tempo é a nossa única companhia garantida até o último instante”. (LACERDA, p. 38)

O tempo da narrativa é cronológico, e a segunda parte do livro começa com o jovem Pedro aos vinte anos, cursando a faculdade de História e descontente com a escolha. Além das aulas na faculdade, a personagem passa seu tempo lendo; a paixão pelos livros, iniciada à força na infância, prosperou e faz Pedro gastar horas nos sebos à procura de livros. Em um destes momentos, o jovem

universitário encontra o antigo professor de História do colégio e acaba confessando-lhe como sua disciplina preferida na escola havia se tornado uma frustração na faculdade.

O professor Azevedo tenta acalmar o garoto contando-lhe que também teve dúvidas quando tinha a mesma idade e revela ter sido ajudado por alguém muito especial, seu professor Nabuco, o velho misterioso que havia feito o discurso da formatura de Pedro. Assustado e curioso com a coincidência, o jovem pergunta sobre o tal professor e descobre que ele havia sido um historiador brilhante até abandonar a carreira e passar a uma vida reclusa sem que ninguém soubesse a razão.

O jovem aceita a sugestão e decide ligar para Nabuco pedindo que o receba para uma conversa, para, quem sabe, ajudá-lo a decidir-se sobre a carreira que deve seguir. A partir daí, Nabuco convida Pedro para trabalhar como seu assistente em estranhas tarefas literárias sobre a “natureza humana”.

Uma das tarefas de Pedro é ler grandes obras literárias e catalogar as personagens de acordo com sua “personalidade” ou “psicologia”; nesse processo o jovem começa a identificar-se com as personagens e se surpreende ao solidarizar-se não só com os bonzinhos mas também com os vilões:

Quando terminei de fazer o seu perfil, fui fisgado por uma sensação desagradável. Estava ao mesmo tempo horrorizado pelas crueldades do Edmund, e extremamente atraído por sua filosofia de vida. Condenava cada um dos seus atos, mas me identificava com a sua ideologia, com todos os seus motivos essenciais. Embora fosse praticamente um monstro humano, alguma coisa nele era um reflexo de mim. (LACERDA, p. 63)

A identificação com as personagens literárias amplia as noções dicotômicas de Bem e Mal, sensibilizando o olhar de Pedro para as diferenças, para as motivações e para a compreensão da “natureza humana”, mas de maneira sutil, despertando, aos poucos, o amadurecimento.

A terceira parte do livro propõe uma nova experiência amorosa na vida de Pedro. A afilhada do excêntrico Nabuco, Mayumi, estuda neurologia na França e está no Brasil para uma curta passagem de duas semanas. Tempo suficiente para que Pedro se apaixone pela jovem oriental, delicada e nada romântica. Mayumi representa o pensamento científico e a pragmática da vida real e não gosta de José de Alencar.

Nas duas semanas que passam juntos, Pedro e Mayumi vivem plenamente o amor que sentem, mas sofrem a proximidade da despedida. No convívio com a jovem, nas diferenças entre eles, Pedro reconhece a si mesmo. É na alteridade de sua relação com Mayumi que Pedro consegue elaborar uma nova visão de si:

Quando via uma borboleta azul, especialmente linda, como a que encontrei sobre o canteiro perto do lago, ou um inseto desconhecido, especialmente estranho, meus olhos se maravilhavam como se estivessem diante de um milagre. A Mayumi, não. Somando seu espírito científico a sua cultura milenar e minimalista, estava atenta a detalhes. Reagia de forma prática ao que tinha diante dos olhos. Quando via um inseto curioso, formulava a composição química da queratina que recobria seu “esqueleto externo”. (LACERDA, p. 77)

O humanismo de Pedro e do velho Nabuco e o cientificismo de Mayumi se completam na obra; no decorrer da narrativa, a personagem principal descobre que todos buscam a mesma coisa, compreender a tal “natureza humana”, mas cada um à sua maneira. A idéia reducionista de que humanismo e cientificismo se opõem eternamente é desconstruída pelo autor que, novamente, propõe um olhar mais sensível, mais amplo para as grandes questões.

Importante observar que à temática do amor é incorporado o aspecto bastante relevante na contemporaneidade que é vida profissional. A transição para a vida adulta requer uma reflexão profunda sobre o amor e as relações familiares, mas também sobre o futuro profissional e a realização financeira. Temas aos quais Rodrigo Lacerda não se furta, pelo contrário, aborda com bastante sensibilidade, sem subestimar o jovem leitor.

A morte é também um tema difícil de ser aprofundado nos livros juvenis, mas o autor consegue trabalhar com essa questão de forma natural e sem apelos melodramáticos. Mesmo uma questão complexa como o suicídio é tratada sem preconceito ou julgamento, propondo a reflexão, sem prescrever respostas corretas.

Interessante observar o tratamento dado ao “final feliz” que acontece com a realização amorosa e o casamento dos jovens, mas também com a realização profissional, o que representa uma novidade no gênero. O narrador não perde de vista a busca por sua descoberta profissional e apóia as decisões de Mayumi, que coloca a formação acadêmica à frente do casamento.

Outra inovação neste aspecto é a absorção da tristeza como parte integrante da vida. Os jovens sofrem com a separação, com a distância, com as dúvidas profissionais e, sobretudo, com a tristeza da morte, mas compreendem que devem sentir a tristeza e superá-la, compreendem que a felicidade também é feita de frustrações, esperas e perdas.

Nesse sentido, a obra de Rodrigo Lacerda pode ser considerada um livro de formação. Acompanha o jovem na sua transição entre a adolescência e a vida adulta, sem prescrever respostas para as dúvidas, mas propondo novas questões. Nessa busca pelo auto-conhecimento, o velho professor Nabuco assume o posto do mestre (ou da Fada-Madrinha) que propõe os trabalhos iniciáticos (as três tarefas que o jovem deve cumprir para descobrir quem realmente é) e o acompanha no ritual de passagem.

O livro também pode ser considerado como uma obra de formação no que tange ao repertório cultural proposto e discutido pelo narrador. A paixão pelos livros não é apenas mencionada no discurso de Pedro. Ela é corporificada no texto com várias citações comentadas pelo narrador, que se utiliza de trechos de obras românticas de José de Alencar para conquistar sua amada. É aprendendo sobre o poeta americano Raymond Carver, o preferido de Mayumi, que o narrador amplia seu próprio repertório literário e propõe novas buscas ao leitor.

Uma das grandes marcas do texto é o humor do narrador, que não se perde em excessos ou coloquialismo banal e que faz parceria com um lirismo que não se confunde com sentimentalismo, nem mesmo para falar do primeiro amor. Com um texto ágil e bem escrito, Rodrigo Lacerda consegue mais do que uma bela história, atingindo um plano meta-narrativo que explicita as dificuldades da literatura. Enquanto leitor, Pedro enfrenta as dificuldades impostas pela leitura: a formação do gosto estético, o enfrentamento dos clássicos, as dificuldades com a língua. Enquanto escritor, Pedro também não encontra um caminho fácil e divide com o leitor o trabalho artesanal com a palavra, as horas gastas na escritura de uma única cena, as inúmeras mudanças de uma mesma vírgula.

Como meta-narrativa, **O fazedor de velhos** não é só uma metáfora que se aplica ao velho Nabuco, mas ao escritor Pedro e à própria literatura. Pedro descobre-se um fazedor de velhos quando compreende que escrever é, de alguma forma, fazer as pessoas sentirem. E é isso que a literatura faz, nos faz sentir, nos faz pensar, nos coloca em contato com o tempo, nos faz cada vez mais velhos.

Catalogar o livro de Rodrigo Lacerda em função de uma faixa etária específica é tarefa bastante difícil; a obra encaixa-se no gênero juvenil, mas rompe com categorias muito rígidas, abarcando várias temáticas e propondo questionamentos que podem sensibilizar os adolescentes mais jovens, os mais maduros e também os jovens não tão jovens.

Ana Paula Rodrigues da Silva

Mestranda

Programa de Pós-Graduação em Literatura e

Crítica Literária – PUC - SP